



2026

MELISSA DE OLIVEIRA

CADA
CABEÇA É
UM MUNDO



Ministério da Cultura, Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa e Petrobras apresentam



Secretaria de Cultura e Economia Criativa



GOVERNO DO ESTADO RIO DE JANEIRO

REALIZAÇÃO

ESCOLA OFICIAL

BISTRÔ OFICIAL

v - arte



PATROCÍNIO OFICIAL



REALIZAÇÃO

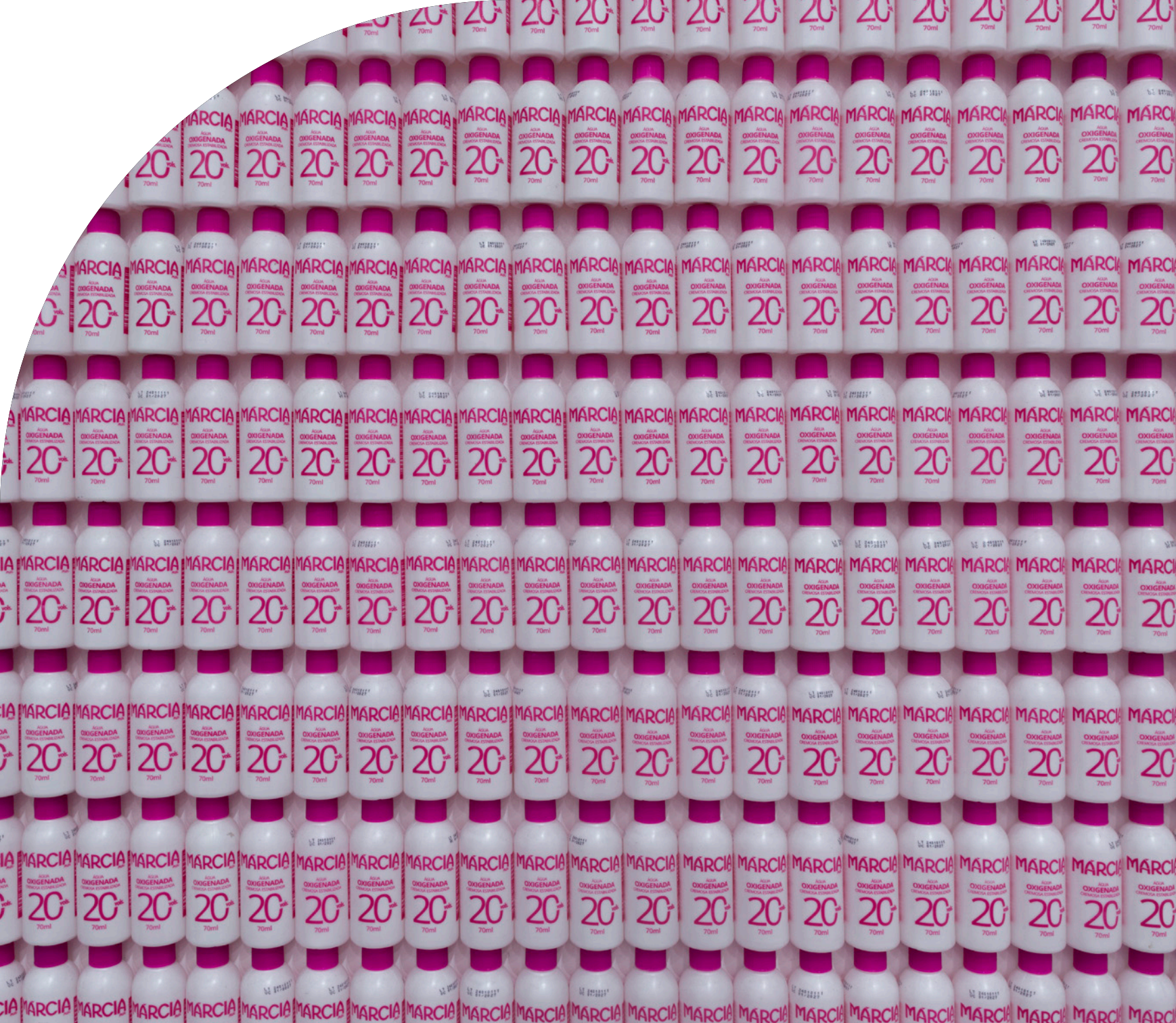
MINISTÉRIO DA CULTURA



A Casa da Arte Brasileira

Rio de Janeiro 2026

CRISN BRASIL



A Casa da
Arte Brasileira

Rio de Janeiro
2026

CITSI
BRASIL



MELISSA DE OLIVEIRA

CADA CABEÇA É UM MUNDO

Curadoria
Marcelo Campos

Apresentação **9**

Texto curatorial **21**

Entrevista com a artista **49**

Créditos **75**



CASA BRASIL & PETROBRAS: em sinergia pela cultura brasileira

A cultura contemporânea manifesta-se como um território vivo de convergência, onde memórias, identidades e diferentes perspectivas cruzam-se, abrindo caminhos para novas formas de compreender o presente. Ao apresentar a mostra individual *Cada cabeça é um mundo*, da artista Melissa de Oliveira, realizada no âmbito do patrocínio anual de sua programação —, a CASA BRASIL e a PETROBRAS reafirmam o compromisso conjunto com o fortalecimento da cultura nacional e com a valorização das diversas identidades que atravessam o país. O recorte curatorial propõe uma reflexão qualificada sobre as estéticas periféricas e a geografia social urbana, consolidando o espaço museológico como um ambiente de ampla escuta e visibilidade.

Ao longo deste primeiro ciclo sob sua nova identidade institucional, a CASA BRASIL afirmou-se como um polo de encontro entre diferentes territórios, saberes e linguagens, refletindo a pluralidade que constitui o Brasil contemporâneo. A amplitude da programação realizada, ao alcançar um grande público, evidencia a potência da cultura como catalisadora de diálogo, reflexão e construção de vínculos intersubjetivos. Ao promover o acesso democrático às artes visuais e estimular a circulação de múltiplas narrativas, a instituição contribui diretamente para salvaguardar o patrimônio cultural e expandir os espaços dedicados à criação e ao pensamento crítico.

Ao investir continuamente nessa estrutura, a PETROBRAS chancela seu papel histórico de fomento às artes como vetor estratégico de desenvolvimento social, econômico e simbólico. A viabilização de uma programação consistente, inovadora e descentralizada fortalece as redes da economia criativa e destaca a vitalidade da produção artística contemporânea no estado do Rio de Janeiro. Celebrar essa exposição significa consolidar uma aliança institucional sólida, plural e profundamente conectada com as demandas do nosso tempo.

Os resultados alcançados neste primeiro ano demonstram a relevância das parcerias entre instituições culturais e empresas comprometidas com o desenvolvimento sustentável do país. Para a PETRO-

BRAS, apoiar a CASA BRASIL significa contribuir para a valorização da criatividade nacional, para a ampliação do acesso à cultura e para o fortalecimento de espaços capazes de acolher diferentes perspectivas que projetam o Brasil para o presente e para o futuro.

PETROBRAS

CASA BRASIL: a força criativa do interior e da capital

A realização da exposição individual *Cada cabeça é um mundo*, da artista visual e fotógrafa Melissa de Oliveira, com curadoria de Marcelo Campos, representa um convite à contemplação da estética urbana e periférica do Rio de Janeiro. A mostra mergulha na poética dos cortes de cabelo e nas múltiplas ramificações de uma cultura de rua que pulsa diariamente nas periferias fluminenses. Muito além do registro documental, a pesquisa de Melissa — desenvolvida por meio da fotografia e de desdobramentos instalativos — eleva o corte de cabelo à condição de manifestação artística viva. Suas imagens revelam afeto, performance e construção de identidades masculinas sob a perspectiva da dignidade e do orgulho, deslocando narrativas historicamente marcadas pela violência e pela escassez. Ao integrar a programação da CASA BRASIL, essa exposição reafir-

ma o compromisso da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa (SECEC-RJ) com a valorização da produção artística contemporânea em toda a sua diversidade, trazendo para o centro do debate institucional a potência criativa que nasce nas comunidades fluminenses. Realizar essa mostra na CASA BRASIL amplia o significado desse patrimônio histórico, hoje ressignificado pela presença da arte produzida no território do estado do Rio de Janeiro. A consolidação desse novo capítulo da arte pública no estado também se deve ao patrocínio da PETROBRAS, cuja parceria tornou possível uma programação que reuniu mais de uma centena de artistas ao longo deste primeiro ciclo e aproximou suas obras de um público de cerca de 150 mil visitantes. Os resultados demonstram a força das parcerias entre o poder público e empresas comprometidas com a democratização do acesso à cultura, a diversidade e o desenvolvimento sustentável. Ao revelar a genialidade presente em cada corte e em cada rosto, Melissa de Oliveira lembra-nos que a favela produz beleza, inovação e excelência técnica. Celebrar *Cada cabeça é um mundo* é reconhecer que o Rio de Janeiro é feito de múltiplas identidades e que a verdadeira força da nossa cultura reside na riqueza das histórias que a compõem.

Danielle Barros

Secretária de Estado de
Cultura e Economia Criativa



Novas cabeças para novos mundos

A exposição *Cada cabeça é um mundo*, de Melissa de Oliveira, com curadoria de Marcelo Campos, apresenta enfaticamente a pluralidade socioterritorial do estado do Rio de Janeiro. Originária do Morro do Dendê, na Ilha do Governador, a artista desenvolve uma investigação sensível e imersiva sobre os símbolos e as poéticas presentes nas periferias. O resultado traz ao público as fotografias de sua autoria dos mais diversos cortes originários — como parte dos mecanismos da subjetividade das favelas. A mostra maneja os limites entre centro e margem, e visibilidade e apagamento, para denunciar as dinâmicas de exclusão da geografia social da cidade do Rio de Janeiro, mas também valoriza as potentes formas de invenção estética e afirmação identitária como vigorosos mecanismos de reinserção. Ao lançar seu olhar para os cotidianos

comunitários, Melissa mostra a força criativa desses territórios, instituindo-os pela sua câmera como espaços de produção simbólica, linguagem própria e construção coletiva de pertencimento.

As fotografias reunidas na exposição partem de três localidades específicas — Jacaré (Jaca), Mangueiros e Chatuba — onde a artista aproxima-se dos barbeiros criadores dos cortes e desenhos capilares que se tornaram referências visuais dentro e fora das comunidades. Além de tendências estéticas, os cortes constituem marcas e códigos culturais territoriais compartilhados, a ponto de incorporarem nos seus nomes suas origens, como os estilos *Mangueiros* e *Jaca*, posteriormente apropriados e reproduzidos em outros lugares.

Melissa preserva, em suas imagens, os enquadramentos tradicionalmente exibidos nas paredes das barbearias — rostos de frente, de perfil e de costas — enfatizando os detalhes, os traços e as singularidades de cada composição. Desloca, assim, para o espaço expositivo um repertório ainda distante das narrativas oficiais da cidade, conferindo centralidade às práticas culturais produzidas no contexto das comunidades.

Como a própria destaca, não existe consenso sobre a origem exata dos estilos. A indefinição, longe de enfraquecê-los, reforça o seu caráter coletivo. Estamos diante de gestos e modos de existência inscritos no cotidiano e orgânico, manifestações de sujeitos

que circulam nas ruas e prescindem de discursos panfletários. A exposição, assim, constitui uma cultura viva, baseada na experiência comum, nas referências e na potência criativa das relações comunitárias.

Ao apresentar *Cada cabeça é um mundo* no contexto da CASA BRASIL, reafirmamos nosso compromisso com a valorização de produções artísticas daqueles e daquilo que até alguns tempos atrás não estaria nos museus. Em um momento em que os debates sobre identidade, representatividade e direito à cidade ocupam posição central nas reflexões contemporâneas, a presença da obra da artista torna-se especialmente notória.

Sua pesquisa reconhece nas estéticas periféricas manifestações culturais legítimas, mas também revela a sofisticação e elaboração simbólica, a memória coletiva e uma afirmação positiva de identidade. Todo o enredo reforça o compromisso com as brasilidades plurais assumido pela Casa no seu reposicionamento, oferecendo um território para escuta e visibilidade de práticas artísticas comprometidas com os diversos territórios, incluindo a experiência cotidiana das favelas e com a potência criativa revelada pelo olhar de Melissa de Oliveira.

Tania Queiroz
Jocelino Pessoa



CADA CABEÇA É UM MUNDO

Texto
curatorial por
Marcelo Campos

Para a cosmopercepção nagô-iorubá, os primeiros habitantes do mundo eram constituídos apenas de cabeça. Os ejá existiam como seres aquáticos que foram desenvolvendo-se até atingir um corpo físico, tornando-se anfíbios e depois terrestres. Ejá passou a nomear os peixes cujas formas são, eminentemente, compostas por cabeças. A divindade *Iye Omo Ejá*, a mãe cujos filhos são peixes, se popularizou, no Brasil, como Iemanjá, também cultuada, a partir do mito de criação, como a mãe de todas as cabeças.

Na série *Cada cabeça é um mundo*, Melissa de Oliveira inventa mundos constituídos por cabeças. Em geral, masculinas, as cabeças, os *orís*, no termo iorubá, ganham destaque e evidência pela diversidade de cortes e pinturas dos cabelos. A fotografia, então,

registra e negocia os cortes, estimulados pela artista a partir de observações variadas. Nem “espelho do mundo”, nem “codificação das aparências”, como havia definido o teórico da fotografia Philippe Dubois, o ato fotográfico de Melissa vai em busca de um por vir, dos sintomas da mudança e da permanência.

Com o passar do tempo, em áreas variadas do Rio de Janeiro, a explosão de cores e o próprio ato de descoloramento passaram a ganhar notoriedade para dentro e para fora das comunidades. Em beiras de estradas e de importantes avenidas da cidade, na subida dos morros, nos bairros da Baixada Fluminense, profissionais vão improvisando salões para o exercício da profissão. Ali, a cadeira de barbeiro, espelhos, capas de proteção, duchas ou chuveiros constituem os salões da atualidade, muitas vezes a céu aberto. Para além dos usos e adaptações de uma atividade informal, há uma revisão e, mesmo, uma invenção de nomeações aos estilos de corte, reflexo, pintura que vão ganhando ênfase e se tornando expressão comum e partilhada pelos jovens consumidores: *Jaca curtinho rosa e reflexo*; *Jaca curtinho vermelho*; *Pezinho quadrado e violeta genciana*; *Tchotchomeri e luzes azuis*; *Manguinhos e reflexo azul*. Sobre a proximidade com o ambiente masculino, em entrevista à Barbara Copque, Melissa afirma que “surge espontaneamente (...) por identificação”.

Na criação dos barbeiros, há um modo de exercer a liberdade frente à estética de uma indústria

de cosméticos que sempre privilegiou as pessoas de fenótipos brancos e de cabelos lisos. Agora, como acontecera ao movimento negro, na variedade de cores e geometrias que constituem as nuças, as testas, entradas, costeletas, criam-se coroações, empoderamentos. Hoje, ao contrário do que pré-definiu as pertenças raciais, cabelos podem ter cores antinaturais, amarelos fluorescentes, lilases. Cachos são terminados em tons alterados, inventando-se cabelos bicolores. E a escolha pela aparência vai ganhando a ousadia que os próprios artistas visuais instituíram e exigiram ao mundo, pelo poder de dissociar cores e formas, padrões e normas.

Melissa de Oliveira observa, então, as expressões identitárias mais evidentes nos bairros e comunidades fluminenses. Oriunda do Morro do Dendê, na Ilha do Governador, delineia uma trajetória em que a presença do afrontamento, da criatividade e do ilícito tornam-se memoráveis, pois se perenizam no *clic* fotográfico. Os chamados pegadas (competição) de moto, resultando em perigosas manobras, a potência dos hábitos de vestir, a reunião de grupos são os elementos mais recorrentes na poética da artista.

Cada cabeça é um mundo parte da capa de um LP homônimo do grupo Timbalada, de 1995. Na capa, a foto de David Glatt mostra uma visão aérea de homens com cabeças raspadas onde motivos geométricos são pintados pelo artista Ray Vianna com

tinta branca. Cria-se, na imagem, um único aglomerado. Melissa assume a admiração por essa imagem e o desejo de, um dia, conseguir realizar algo que se relacione com tal ideia. Tanto na história da artista quanto na do grupo coordenado por Carlinhos Brown, vemos a possibilidade de bairros considerados periféricos, como o Candeal, em Salvador, e o Morro do Dendê, na Ilha do Governador, tornarem-se centro de referência artístico-cultural. Melissa de Oliveira, hoje, amplia sua pesquisa para outras quebradas, realizando ações em outros bairros.

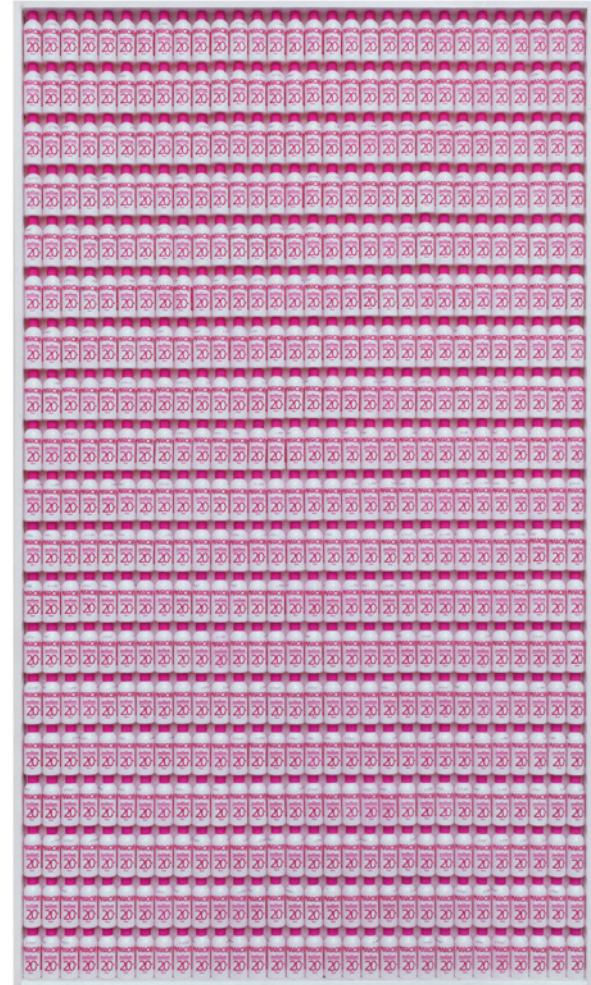
As fotografias apresentadas nessa exposição partem de três localidades específicas, o Jacaré (Jaca), Manguinhos e Chatuba. Dali, a artista pesquisa e se relaciona com profissionais que produzem a moda dos cortes e pinturas. São tão importantes as presenças de tais criadores nos respectivos lugares que os próprios cortes de cabelo vão ganhando notoriedade especificando tais localidades que atravessam os territórios, como o corte *Manguinhos* ou *Jaca*. Além desses nomes, a artista, na pesquisa, resgata a informação sobre os cabelos *Tonhonhoim* e *Tchotchomeri*, esse último em referência a um funk melody dos anos 80. Melissa mantém, nas fotografias, os ângulos que são, muitas vezes, exibidos nas paredes das barbearias. Ângulos que mostram o rosto de frente, de lado, de costas para especificar o diferencial. Segundo a artista nos explica, entre as comunidades não

existe um consenso de onde, exatamente, tais cortes apareceram. O fato é que estamos lidando com o sentido de coletividade e de atitude, sentidos muito impregnados no dia a dia sem, necessariamente, representar panfletos específicos.

A cabeça, o *ori*, constitui o mundo, sem dúvida. Mundos que são escolhidos, segundo a filosofia iorubá, por nós mesmos, no momento em que somos designados a nascer. Cada um escolhe uma cabeça, cada um escolhe seu mundo. Portanto, as cabeças fazem e não fazem parte cosmologicamente de um corpo. Inevitável pensarmos nos modos como a iniciação nas religiões de matriz africana valorizam o gesto de raspar e pintar as cabeças. *Cada cabeça é um mundo*, de Melissa de Oliveira, trata de ritos de renascimento, de renomeação e de vida nova, trazendo e projetando pessoas para o destino a ser seguido, revisando o que já estaria escrito no propósito original ■







Pink Márcia Bottles

Frascos de água oxigenada e caixa de madeira

200 × 120 cm

2024



**Tchotchomeri
e luzes azuis**

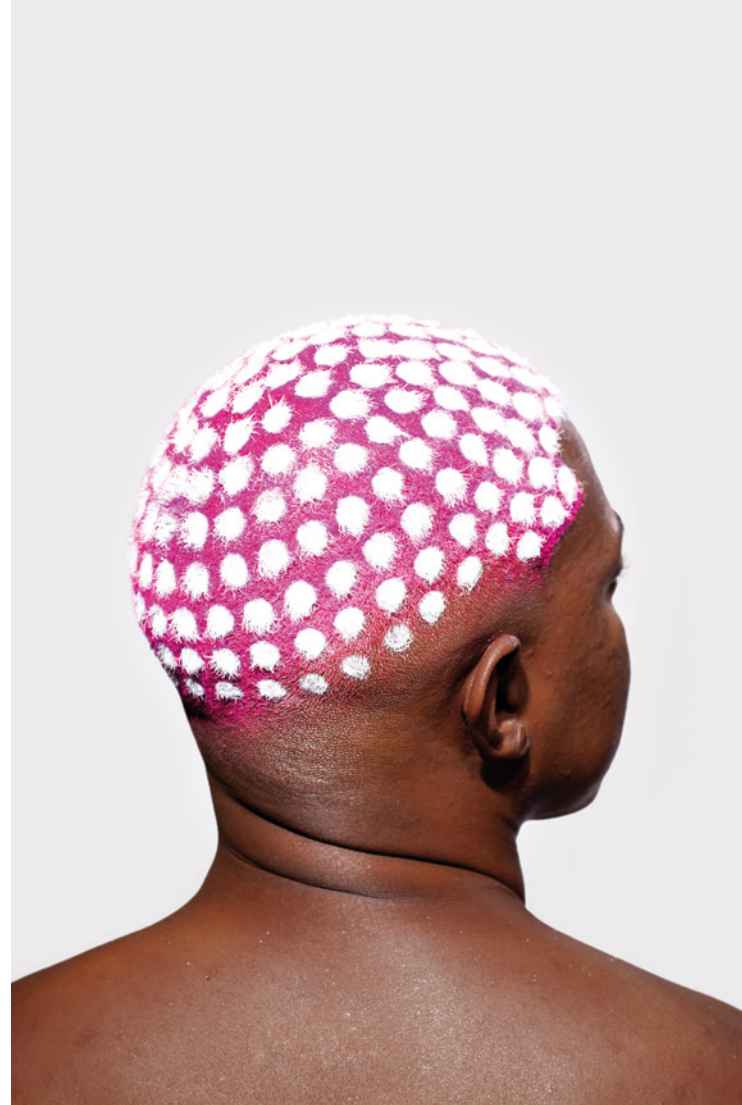
Fotografia
100 × 150 cm
2026

Barbeiro

Snjupirado
Chatuba, Mesquita

Modelo

Vanderson dos Santos



**Jaca curtinho
rosa e reflexo**

Fotografia
100 × 150 cm
2025

Barbeiro

JM Du Corte
Jardim das Acácias, Belford Roxo

Modelo

Jhonny Dancy



**Jaca
curtinho roxo**

Fotografia
80 x 120 cm
2025

Barbeiro

Leo Du Corte
Complexo da Maré, Rio de Janeiro

Modelo

Kauan Cristian de Sousa



**Jaca curtinho
vermelho**

Fotografia
80 x 120 cm
2025

Barbeiro

Leo Du Corte
Complexo da Maré, Rio de Janeiro

Modelo

Luis Cláudio Ferrout



Jaca curtinho azul e reflexo

Fotografia
80 x 120 cm
2025

Barbeiro

JM Du Corte
Jardim das Acácias, Belford Roxo

Modelo

Everton da Silva



Tchotchomeri e jaca

Fotografia
80 x 120 cm
2026

Barbeiro

Snjupirado
Chatuba, Mesquita

Modelo

Anderson Silva



Jaca curtinho e reflexo vermelho

Fotografia
80 x 120 cm
2026

Barbeiro

Diin Du Jacaré
Jacaré, Rio de Janeiro

Modelo

Raphael Salles



Manguinhos e reflexo azul

Fotografia
80 x 120 cm
2026

Barbeiro

Kibe Do Corte
Manguinhos, Rio de Janeiro

Modelo

Guilherme da Silva



Pezinho fino pigmentado

Fotografia
80 x 120 cm
2026

Barbeiro

Diin Du Jacaré
Jacaré, Rio de Janeiro

Modelo

Estevam de Queiroz



Pezinho quadrado e violeta genciana

Fotografia
80 x 120 cm
2026

Barbeiro

Diin Du Jacaré
Jacaré, Rio de Janeiro

Modelo

Lucio Francisco Neto



Surfista

Fotografia
80 x 120 cm
2026

Barbeiro

Diin Du Jacaré
Jacaré, Rio de Janeiro

Modelo

Hugo dos Santos



**Jaca curtinho
e nevou**

Fotografia
80 x 120 cm
2025

Barbeiro

Leo Du Corte
Complexo da Maré, Rio de Janeiro

Modelo

Pedro Henrique de Souza



Loiro Pivete

Fotografia

66 × 100 cm

2019



' Não somos todos iguais, mas todos somos seres pensantes. O meu trabalho fala dessa singularidade, e de como o favelado pode ser o que ele quiser '

Entrevista de **Melissa de Oliveira** a **Daniela Name** e **Heitor Alvarenga**



Vamos começar pelo título que você escolheu para a exposição, que é *Cada cabeça é um mundo*, um disco do histórico do Timbalada. Na capa do LP e do CD, a gente via uma foto que mostrava um mar de cabeças e corpos ornados com pintura corporal que se transformaria em marca do grupo baiano, um trabalho do artista Ray Vianna, fotografado pelo David Glatt. Queria que você falasse sobre a importância da apropriação desse título na abordagem da sua série sobre cortes em barbeiros populares, que vemos na exposição.

Eu descobri esse álbum em 2020, foi quando eu vi a foto da capa desse LP pela primeira vez e era no momento que eu já tava idealizando essa pesquisa, esse projeto de catalogação dos cortes de cabelo. É uma foto aérea de cerca de 40 pes-

soas, 40 cabeças. A foto do David Glatt é genial, e registra o trabalho plástico maravilhoso do Ray. Tanto o que há por trás da produção dessa imagem quanto o título do álbum comunicam muito bem o que eu quero passar com a minha série fotográfica, porque a gente está falando de pessoas que têm um universo dentro de si. Somos pessoas diferentes, dentro de uma comunidade, e temos capacidade de refletir, de elaborar um pensamento crítico. Não somos todos iguais, mas todos somos pensantes. Meu trabalho fala dessa singularidade, e de como o favelado pode ser o que quiser, apesar dos estereótipos do que é ser da favela. Pensamos. Minha série não é só uma pesquisa que mapeia esses cortes. Eu quero catalogar e entender quais são os nomes dessas técnicas, mas também falar sobre a nossa singularidade; falar sobre como que uma pessoa de dentro de uma favela consegue, em um corte de cabelo, criar trabalho artístico. Porque o corte de cabelo, a coloração e todas essas técnicas são criações ali da comunidade. E são criações complexas, que envolvem estudo e especialização. São uma expressão artística, são autorais. O título do álbum da Timbalada comunica toda essa complexidade. A capa tem essa coisa de serem muitas pessoas juntas. Eu gosto muito de falar sobre uma cabeçada. Uma cabeçada é um monte de gente, uma coletividade, um senso de comunidade.

Acho que a gente pode mergulhar ainda mais nesses penteados, Melissa, porque os nomes deles também são um mapa, e se referem a territórios e autorias desses barbeiros de favelas e periferias cariocas. Conta mais?

Esse trabalho de catalogar é um trabalho de campo, em que faço o mapeamento desses cortes de cabelo, essas técnicas de coloração de descoloração. Eu tento dar conta de todos, mas não sei se vou conseguir, porque a favela está o tempo todo se reinventando. O tempo todo há um corte sendo criado, num curto espaço de tempo. Ou às vezes um corte antigo reaparece em uma releitura, vem com modificações. Os barbeiros criam coisas novas em cima de cabelos que estiveram em alta antes, como uma citação. Então essa é a ideia da catalogação, é entender quais são esses cabelos em cada comunidade do Rio, quais são os nomes e também as técnicas. Os nomes, como você disse, carregam uma identidade, muitas vezes o lugar onde eles foram criados. Isso fala de qual é o lugar ao qual você pertence. Não basta identificar qual é aquela técnica, mas também dizer de onde ela veio. Para a exposição na CASA BRASIL, eu dei continuidade para essa catalogação. Até então eu tinha ido na Vila do João, no Conjunto de Favelas da Maré, e no Jardim das Acácias, em Belford Roxo, para o ensaio da revista *Zum*, do Instituto Moreira Salles (IMS). Para *Cada cabeça é um mun-*



do, fiz a catalogação em Manguinhos e no Jacaré, aqui no Rio, e também na Chatuba, em Mesquita. Trabalhei com três barbeiros dessas localidades, e fui atrás de entender como é que surgiu o corte do *Jaca*, o corte do *Manguinhos*.

Sua resposta sobre essa territorialidade, que está na cabeça, me sugere um duplo mapa: o mapa do corte e o mapa de onde esse corte vem. Mas há na cabeça uma outra marca afro confluente, que é a do *ori*, ao mesmo tempo caminho e destino. Você pensou nisso?

Ainda estou elaborando. Marcelo (Campos, curador da exposição) me trouxe bastante essa provocação durante o processo de curadoria, da relação com o candomblé. Nos cortes com reflexo de bolinha acho que há na imagem uma semelhança grande com a pintura na cabeça, na iniciação e na Timbalada mesmo pode haver essa relação seccional.

Não acredito que o barbeiro cite conscientemente o candomblé, mas talvez exista algo ainda mais bonito, que é a memória ancestral da imagem. O cabelo fez parte de um gesto contracolonial, as mulheres e seus penteados usavam a cabeça como comunicação de resistência e liberdade.

Mas a gente queria inverter um pouco a mensagem e pensar na presença do seu “bonde” na abertura da exposição. Como os barbeiros se viram ali na mostra, receberam seus trabalhos expostos?

Eu percebi que eles conseguiram enxergar o trabalho deles como uma produção artística também, entenderam que o trabalho deles também é merecedor de estar na parede de uma exposição de uma instituição na própria cidade. Ficou muito nítido ali o quanto eles ficaram felizes por receber aquele reconhecimento. Há trabalhos que eu acompanho há mais de 10 anos. E ali talvez tenha ficado claro para eles porque o que eles fazem ultrapassa um serviço como do cotidiano, é uma linguagem estética, é uma forma de expressão. Depois vi que um deles postou no Instagram uma foto do próprio trabalho: “Se tá na parede, é arte”. Foi muito bom viver esse reconhecimento com eles.

Em mundo tão desigual, muitas vezes a gente ainda precisa da chancela institucional para acreditar no que faz, né, Melissa? Quería voltar um pouco no tempo, para o seu começo, ali no Morro do Dendê, para o momento em que a fotografia entrou na sua vida.

Antes veio a música

Então conta.

E sempre fui muito apaixonada por música. Sou funkeira, mas escuto de tudo. Gosto de new wave, forró, brega, techno. A música está democraticamente ao nosso redor, na caixa de som do bar, em alguém passando com o telefone na janela, no vizinho. Foi a primeira manifestação artística com a qual eu tomei contato. É a linguagem artística que te dá uma atmosfera, que te envolve. Às vezes eu estava no computador, o amigo me chamava lá embaixo e, quando eu via, havia 15 coisas acontecendo ao mesmo tempo com música em volta. Sempre curti ouvir todo tipo de música, de baixar música. Acho que isso é uma herança da minha mãe, muito apaixonada por música. Minha mãe até hoje tem coleções de CDs da Furacão 2000 originais, depois me apresentou Marisa Monte, todo tipo de música. A fotografia chegou depois, em 2018.

Veio com um amadurecimento?

Sim. Em 2018, quando eu estava me tornando adulta, comecei a pensar mas de forma mais consciente sobre o meu entorno, sobre a minha vida, minha realidade; sobre quem eu sou, sobre quem é minha família. Comecei a me incomodar

com os grandes veículos de comunicação, a favela era sempre retratada pelo problema, pela violência, nunca pela cultura. Isso me fez ter mais vontade de olhar para as coisas que a gente vive ali dentro. Olhando para as coisas à minha volta, percebi que a gente vive num universo com grande senso de comunidade, onde todo mundo se ajuda. Em momentos em que eu não tinha o que comer, os vizinhos sempre chegaram junto com prato de comida. Se eu passasse mal, iam me levar no hospital, como fizeram com a minha mãe, então eu via ali a luta de todo mundo, às vezes sem ter o que comer e sem dinheiro, mas um ajudando o outro o tempo inteiro.

'Passei a olhar para as coisas do meu cotidiano e queria congelar aquilo.'

Uma teia, uma rede.

Sim, uma comunidade. Comecei a pensar: “Pô, a gente não quer negar as coisas ruins que acontecem por aqui, mas a gente também vive um jogo do Flamengo acontecendo, todo mundo feliz, queimando uma carne, tomando uma cerveja”. A favela é uma potência criativa. Entendi que precisava registrar exatamente isso. Eu vivia aquilo. E comecei a pensar que, se eu não registrasse, quem estava lá fora também não ia querer fazer isso, não ia saber como era aquela realidade do morador. Passei a olhar para as coisas do meu cotidiano e a querer congelar aquilo.

Como começaram esses registros?

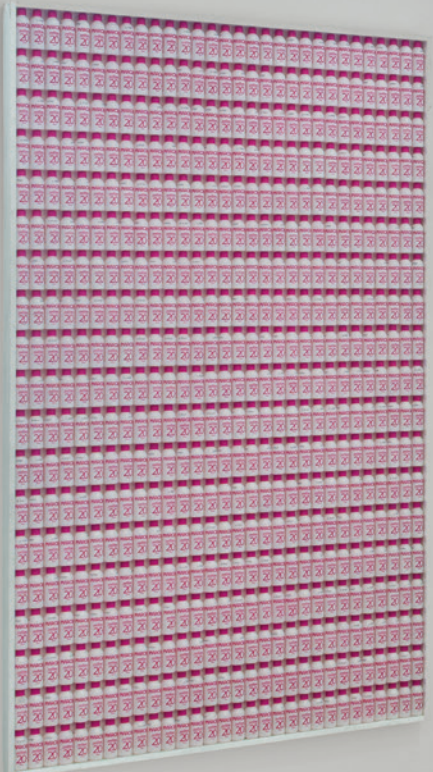
Comecei a fazer com celular, eu tinha um celular pequenininho, velhinho. Em 2019 minha mãe conseguiu pegar um empréstimo no banco e me perguntou se eu queria um celular novo ou uma câmera. Escolhi uma câmera e comprei uma Canon semi-profissional pequenininha, tipo um brinquedo. Só que eu não tinha grana para investir num curso, numa formação pra conseguir um diploma. Então comecei a aulas no YouTube e a ler alguns livros sobre fotografia que eu baixava em PDF. O que eu aprendia ali, eu praticava fotografando minha mãe, minha irmã, meu pai, meus vizinhos ali na porta de casa, o beco da minha rua.

Aí eu fui subindo o morro, comecei a fotografar os eventos da comunidade, tipo Dia das Crianças, uma ação social. Até que fui convidada a trabalhar na Associação de Moradores do Dendê. Fotografando para o jornalzinho, uma das minhas funções era fotografar a Light que consertou o poste, a Cedae que consertou a água, os trabalhadores da Prefeitura revitalizando uma praçinha. E assim as pessoas começaram a conhecer o meu trabalho com fotografia ali na comunidade.

Esse momento me levou a uma foto que eu fiz em 2019, e fiz questão de botar na exposição vem desse momento. Ela mostra um dos três meninos participando de uma descoloração de cabelo, no sol, para fazer o “louro pivete”. O garoto que vai descolorir está com a camisa do Messi no Barcelona (na página 50 deste catálogo). A fotografia viralizou nas redes sociais.

E dessa forma o seu trabalho furou a “bolha”, né? E mostrou a onda do “louro pivete” quando ela ainda estava sendo gerada

Sim. Também foi quando comecei a fotografar essas situações que, em 2020, cheguei nos eventos de grau e corte, comecei a frequentá-los. Eles já existiam na Maré e o Dendê realizou naquele ano a sua primeira edição.



Para quem não conhece, fala melhor o que é o grau e corte, que gerou uma série importantíssima da sua trajetória?

É um evento que acontece aos domingos, não é uma competição, é lazer. Um balé de homens, porque os caras treinam muito para essa performance do grau, que é empinar a moto, e do corte, que é gira roncando o motor. Quando comecei a fotografar e a divulgar essas imagens, muita gente me criticou, porque meu trabalho furava bolhas, mas mostravam uma prática que é uma infração de trânsito gravíssima, criminalizada: andar de moto sem capacete. Mas fui percebendo que o público tinha uma maioria que não se preocupava com a segurança e com o lazer de quem vive na comunidade. Quase ninguém se preocupava quando a polícia subia na favela para fazer uma operação e matava uma criança. A preocupação só aparecia quando a gente ostentava um jeito de se divertir e de se virar, uma cultura da comunidade

A cultura periférica e preta passa sempre por represálias: samba, capoeira e funk foram criminalizados e talvez haja um preconceito racial e social aí, não?

Com certeza. Quem criticava não se preocupa cotidianamente com nossa saúde, nossa segurança, nosso bem estar.

Para você, grau e corte é uma cultura?

Os moradores lotam esses eventos, vão lá para assistir e basicamente cada motoqueiro monta sua equipe de som, que faz um baile. Então é um evento de grau que é junto com o baile, que também é evento de grau, que está integrado com essa performance. Os caras treinam bastante antes de chegar no evento. Eles marcam vários encontros pra treinar e ele se dedica bastante até chegar o dia do evento. Realmente é uma apresentação, e os eventos têm diretoria. Cada comunidade tem uma turma, com uniforme, bandeira, adesivos. É uma cultura.

‘Uma coisa que me incomodou muito foi ver fotógrafo gringo subindo (...) o morro de um jeito fetichista, para objetificar mesmo o favelado.’

Você recebeu críticas, mas também foi uma série que deu visibilidade ao seu trabalho e a esse seu olhar de cronista, não? Ao mesmo tempo, é como se houvesse um incômodo com a favela que deseja falar e se exibir para além das suas cicatrizes.

As pessoas estão mais interessadas em outro tipo de olhar. Uma coisa que me incomodou muito foi ver fotógrafo gringo subindo a favela sem nenhuma preocupação com o que o morador pensa, unicamente para mostrar sofrimento, para buscar a imagem que atendesse ao seu pensamento prévio sobre aquelas pessoas e aquele lugar. Eles subiam o morro de um jeito muito fetichista, para objetificar mesmo o favelado. O que mais me ensinou fotografia não foi a técnica, mas o olhar para o trabalho de outros fotógrafos já famosos, a maioria deles homens brancos. Então olhei muito para esses trabalhos com respeito, mas também para entender o que eu não queria repetir. A favela na maioria das vezes aparece em preto-e-branco, como um lugar dramático, triste. Mas a favela é colorida, caramba! Poxa, eu ficava olhando pra arquitetura, pra geometria das roupas, dos cabelos, dos bares. A favela tem tanta cor, tanta camada, tanta textura. Quando alguém faz esse tipo de foto dramática, investe apenas nisso, no fundo está apagando toda essa vibração. É uma espécie de amortecedor, e eu queria fazer outro tipo de fotografia.

‘Eu tinha referências, mas ainda não conhecia um trabalho como o que eu queria realizar.’

Acho que temos algumas exceções, e uma delas é o Walter Firmo, que é um homem negro e um profissional magistral, que dedicou a vida a fotografar a negritude e suas expressões artísticas e culturais.

Sim, Walter Firmo, Eustáquio Neves. Mestres. Olhei muito para o Bira Carvalho também, lá da Maré, um grande fotógrafo negro que passou muitos anos registrando o cotidiano dele ali. Eu tinha referências, mas ainda não conhecia nenhum trabalho como aquele que eu queria realizar. E comecei a pensar também nas questões de arquivo, de acervo, porque eu percebia que não havia registros do cotidiano de lazer e da alegria ali do Dendê. Na maioria das comunidades, as pessoas não têm registros da infância, das festas de aniversário, dos

eventos. A gente não consegue revisitar a própria história porque a fotografia é muito cara. As fotos que estavam guardadas no jornalzinho eram geralmente de acontecimentos tenebrosos. A fotografia pode ser um instrumento de dominação, de propagação de uma visão dominante.

É uma demarcação de hierarquia, né? E há, como você disse, uma romantização desse extrativismo de imagens da favela, desse colonialismo do olhar, uma ação sempre predadora e oportunista.

Comecei a pensar que já que eu não tinha fotos das gerações anteriores, de outras épocas, do passado, eu poderia fazer meu trabalho para deixar para o futuro esses registros. Se minha família não teve fotografias no passado — minha avó, minha mãe, meu pai não tiveram — eu poderia registrar a gente e a nossa comunidade, quem está vivo comigo, para o futuro. Veio a ideia de construir um arquivo, um acervo de imagens. Só que é muito caro fotografar. Para fazer uma produção de um ensaio é muito caro, não é necessário apenas o equipamento e a formação técnica, há muito mais.

Isso me fez lembrar de uma conversa anterior que nós tivemos sobre escassez. E sobre como você conduziu o seu planejamento

de trabalho a partir da consciência de sua realidade financeira. Você gostaria de falar sobre isso, sem que a gente esteja aqui romantizando e nem elogiando a pobreza?

A fotografia sempre foi muito inacessível. Hoje em dia isso mudou um pouco, por causa da tecnologia, mas segue sendo muito complicado. Tive que ter paciência para fazer as coisas, porque eu não tenho como chegar e contratar uma equipe quando uma ideia surge e simplesmente produzir aquilo que eu idealizei.

Em meu trabalho da catalogação dos cabelos, eu vou para muitos territórios, eu me desloco com equipamento com um fundo branco. Isso já é caro, mas gosto de pagar os modelos, os barbeiros e pagar uma equipe. Isso é caro, e aí eu só consigo fazer isso quando eu tenho algum tipo de incentivo, quando recebo algum cachê, quando eu tenho algum dinheiro na minha reserva e aí eu tiro o dinheiro do meu próprio bolso para fazer. E eu sei que eu não vou ter tipo retorno financeiro daquilo; eu faço porque eu amo mesmo, mas eu sei que para eu conseguir fazer isso, vou ter que esperar. Eu botei o tempo de espera no meu planejamento.

Arte precisa de tempo, sobretudo nessas condições.

Sim. E eu fui entendendo que eu teria que decidir se eu queria criar um trabalho mais sólido e mais consistente ou um trabalho que é menos embasado. É preciso pesquisa, porque não é só um trabalho estético, não é uma campanha de moda, a lacração pela lacração.



A entrevista é uma adaptação da conversa com Melissa de Oliveira realizada para o quinto episódio do Podcast CASA BRASIL, que pode ser acessado no canal da Casa na plataforma de *streaming* Spotify. O programa sobre a mostra de Melissa foi gravado em maio de 2026.



**GOVERNO DO ESTADO
DO RIO DE JANEIRO**

Governador em exercício
Ricardo Couto de Castro

**SECRETARIA DE
ESTADO DE CULTURA
E ECONOMIA CRIATIVA
DO RIO DE JANEIRO**

Secretária
Danielle Barros

Chefe de Gabinete
Claudia Raybolt

Superintendente de Artes
Cristina de Pádula Cattan

CASA BRASIL

Diretora
Tania Queiroz

Coordenador geral
Jocelino Pessoa

Comissão de curadoria
**Aliã Wamiri Guajajara
Cadu**

**Jocelino Pessoa
Marcelo Campos
Tania Queiroz**

Coordenadores de comunicação
**Renato Costa e
Vozes Agência Criativa**

Coordenadora de educação
Vanessa Rocha

Coordenadora editorial
Daniela Name/Caju

Coordenador de produção
Diego Martins

Coordenador administrativo
Rodrigo Leite

Diretor de arte
Lucas Bevilaqua

Designer
**Heitor Alvarenga
Tamires Mazzo**

Analista de mídias sociais
Adrielle Dantas

Assessora artística
Carla Maldonado

Assessoras de leis de
incentivo e administração
Mariza Adnet e Inês Adnet

Assessora jurídica
Patrícia Meireles

Assessora de patrimônio
e museologia
Luísa Lacerda

Relator
Ricardo Diegues

Secretária executiva
Thais Sousa

Produtora executiva
Olegária Porto

Assistente de produção
Lukas Dantas

Contabilidade
ProjetSolut
Contabilidade e Gestão

Consultor jurídico
Gustavo Martins de Almeida Advogados

Consultora de direitos autorais
Andrea Bolanho

Operações
José Augusto da Silva
Julio Cesar de Lima
Karine Eduarda Aguiar
Thailane Wandin

Manutenção
José Pires
Marcos Felipe Carvalho

Segurança patrimonial
Adilson Barbosa Jr.
Arlindo de Albuquerque
Claudia da Silva
Claudio Reis
Jorge Luiz Alves
José Carlos Brito
Marcos Aurélio Rosa
Marcos Vinicius Borges

Clipadora
Sinopress

PROJETO **CASA BRASIL**

Idealizadores
Jocelino Pessoa
e **Tania Queiroz**

Realização
V ARTE

EXPOSIÇÃO

Projetada e realizada pela
equipe da **CASA BRASIL**

Curador
Marcelo Campos

Expografia
Gisele de Paula

Produtora artística
Helena Cícero

Iluminação para fotografias
Jon Thomaz

Assistente de fotografia
Jon Thomaz

Barbeiros
Leo Du Corte
JM Du Corte
Snjupirado
Diin Du Jacaré
Kibe Do Corte

Impressão *fine art*
Thiago Barros Arte Lab.

Molduras
Moldurax

Iluminação
Antonio Mendel
– **Espaço Luz**

Equipamentos audiovisuais
MB Produção e
Publicidade Ltda

Sinalização
Ginga Design

Revisora
Jadelice Souza

PROGRAMA **EDUCATIVO**

Participantes do
curso *Experiência em*
mediação cultural

Amanda Louise Pereira
Ana Cristina Cavalcanti
Ana Maria Índio do Brasil Abias
Bernardo de Carvalho
Bruna Novaes
Gabriel do Espírito Santo
Helena Oliveira
João Pedro de Carvalho
Larissa Guimarães
Maria Luiza de Mattos
Mariah Giuliana de Souza
Matheus Marins
Thaynnara Pinto
Vânia Caroline Saraiva

CATÁLOGO

Projetado e realizado pela
equipe da **CASA BRASIL**

Organizadores
Aliã Wamiri Guajajara
Cadu
Jocelino Pessoa
Marcelo Campos
Tania Queiroz

Coordenadora editorial
Daniela Name / Caju

Projeto gráfico e diagramação
Lucas Bevilaqua

Coordenador de comunicação
Renato Costa

Revisora
Jadelice Souza

Fotografias
Vicente de Mello
Rafael Adorján
(retrato da artista p.50)

Editora
V ARTE



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Oliveira, Melissa de

Melissa de Oliveira : cada cabeça é um mundo / Melissa de Oliveira ; [organização Aliã Wamiri Guajajara ... [et al.] ; curadoria Marcelo Campos]. — Rio de Janeiro, RJ : V Arte, 2026.

ISBN 978-65-994694-6-6

1. Arte contemporânea – Brasil 2. Artes visuais – Exposições – Catálogos 3. Cabelos – Estética 4. Centro Cultural 5. Fotografias – Brasil 6. Fotografia – Brasil – Exposições 7. Periferias urbanas 8. Rio de Janeiro (Cidade) I. Guajajara, Aliã Wamiri. II. Campos, Marcelo. III. Título.

26–372250.0

CDD–770

Índice para catálogo sistemático:

1. Fotografia : Artes 770

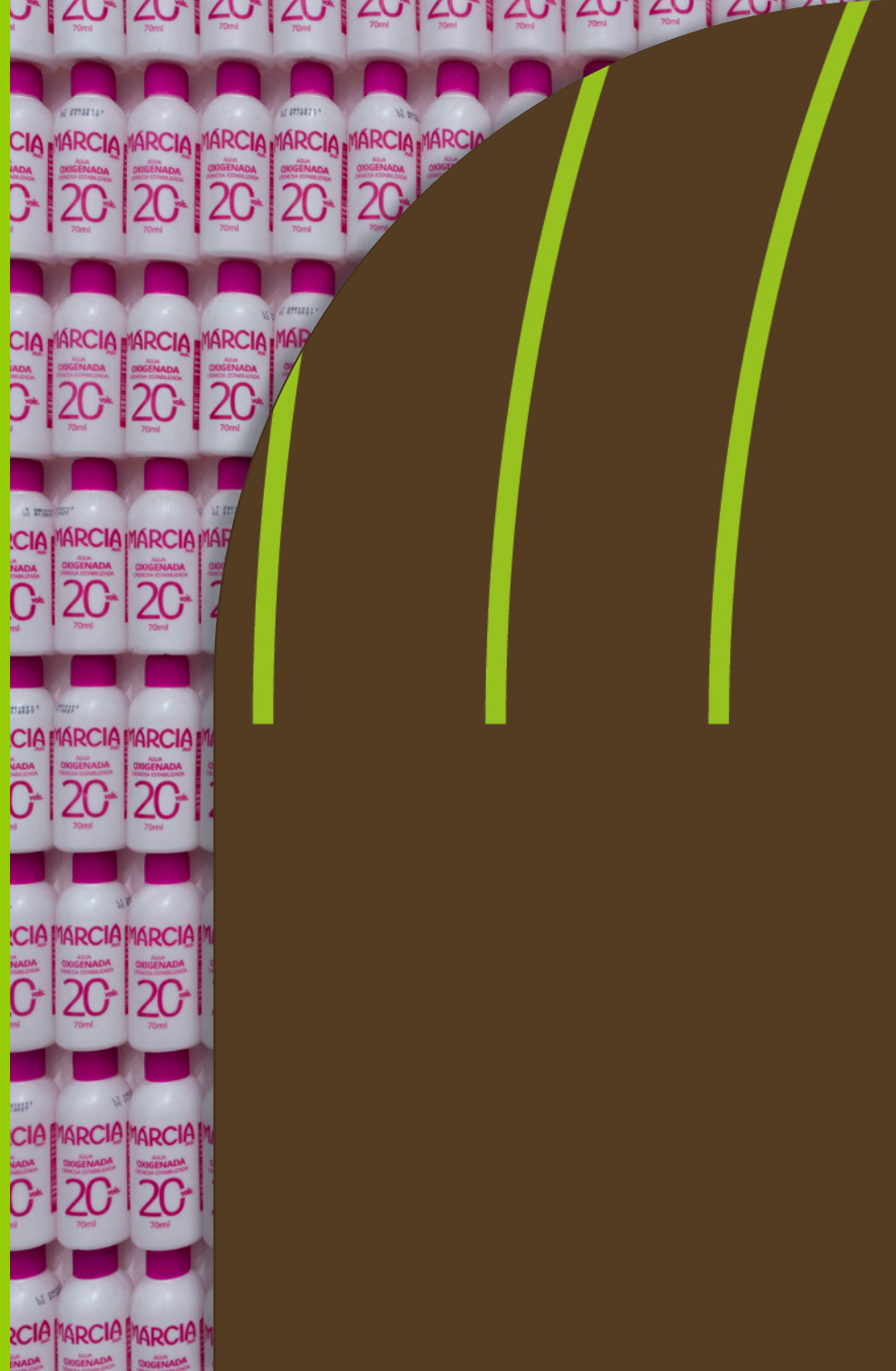
Camila Aparecida Rodrigues – Bibliotecária CRB – SP-010133/0

Papel: **Offset 120g e Couchê 115g**

Fonte: **Zetkin (Inga Plönnigs)**

Impressão: **Grafitto**

Tiragem: **1.000**



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Oliveira, Melissa de

Melissa de Oliveira : cada cabeça é um mundo / Melissa de Oliveira ; [organização Aliã Wamiri Guajajara ... [et al.] ; curadoria Marcelo Campos]. — Rio de Janeiro, RJ : V Arte, 2026.

ISBN 978-65-994694-6-6

1. Arte contemporânea – Brasil 2. Artes visuais – Exposições – Catálogos 3. Cabelos – Estética 4. Centro Cultural 5. Fotógrafas – Brasil 6. Fotografia – Brasil – Exposições 7. Periferias urbanas 8. Rio de Janeiro (Cidade) I. Guajajara, Aliã Wamiri. II. Campos, Marcelo. III. Título.

26 – 372250.0

CDD – 770

Índice para catálogo sistemático:

1. Fotografia : Artes 770

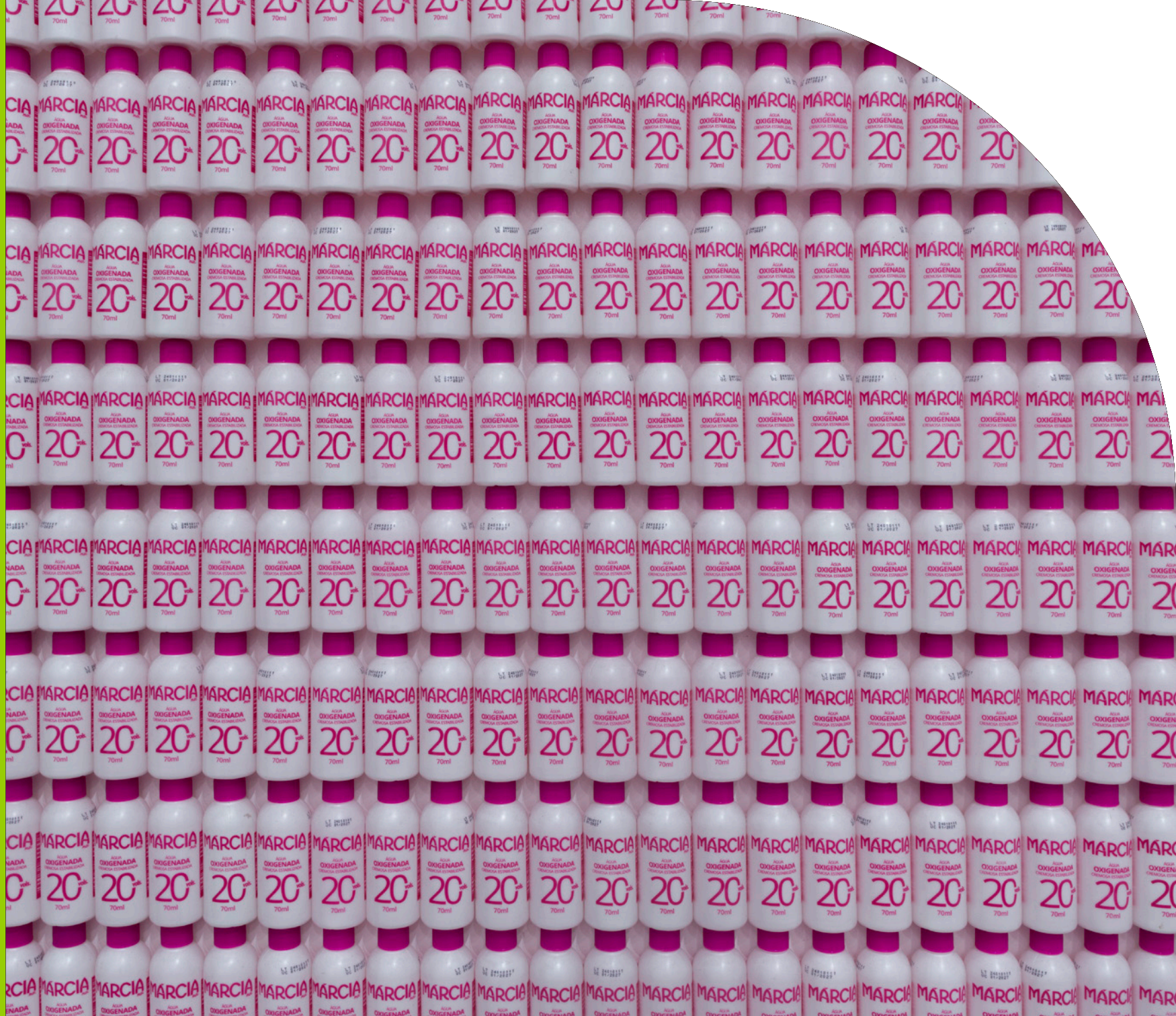
Camila Aparecida Rodrigues – Bibliotecária CRB – SP-010133/0

Papel: Offset 120g e Couchê 115g

Fonte: Zetkin (Inga Plönnigs)

Impressão: Grafitto

Tiragem: 1.000



CiñSn BRñSIL



Lei Rouanet

CiñSn
BRñSIL

REALIZAÇÃO

ESCOLA OFICIAL

BISTRÔ OFICIAL

Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

v - arte



PATROCÍNIO OFICIAL

REALIZAÇÃO



PETROBRAS

MINISTÉRIO DA
CULTURA

